

O PAPEL DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Como a questão educativa é encarada no Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde

*Maria José de Oliveira Araújo**

Desenhando a estrutura

Após um estágio que realizei em um ambulatório na Suíça, que contava com excelentes condições técnicas e de recursos humanos, voltei com a idéia de implementar um ambulatório feminista. Na época, algumas companheiras, também interessadas na criação de um ambulatório feminista, diziam que a proposta era muito avançada para a nossa realidade e questionavam se seria possível concretizá-la. Eu respondia que sim, apesar da consciência das dificuldades e sabedora do desafio que seria realizar um trabalho desse gênero no Brasil, sobretudo levando em conta a nossa ambição, que era a de criar um atendimento integral de saúde da mulher com uma visão mais holística e humanizada.

Em 1984, havia cerca de dezesseis mulheres — entre sociólogas, jornalistas, nutricionistas, agentes de saúde — envolvidas no processo de criação do Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde. Elas foram treinadas pelas médicas brasileiras Maria José de Oliveira Araújo e Simone Grilo Diniz, pela paramédica americana Melodie R. Venturi e por Rosângela Gramoni do ambulatório da Suíça.

Para o treinamento, foram criados — a partir de livros médicos tradicionais — materiais específicos sobre o corpo da mulher. O objetivo era escapar de uma linguagem especificamente médica, articulando uma linguagem acessível a todas. Por exemplo, no tocante às lições de anatomia, escrevíamos um texto direto e explicativo sobre onde o útero se localiza, sobre o funcionamento do ovário, o que eram os hormônios e assim por diante.

As aprendizes passavam por consultas que incluíam o auto-exame de mamas e do aparelho genital, além de técnicas simples de avaliação da saúde, tais como medida da pressão arterial e leitura de lâminas da secreção vaginal. A capacitação também incluía consultas entre nós mesmas, nas quais havia sempre uma médica, uma não médica e uma mulher que se dispunha a ser examinada. A partir daí, as aprendizes estavam aptas a realizar e ensinar o exame de mamas, tocar o útero e os ovários. Também seguíamos com a discussão de casos e grupos de estudos.

Depois de um ano de treinamento, o ambulatório passou a receber nossas amigas para consultas, e com elas o processo de aprendizagem continuava. As médicas sempre entravam na sala de consulta com uma trabalhadora não médica, perseguindo uma idéia muitíssimo corajosa de dividir o saber e o poder. E durante todo o tempo, tínhamos nossa linha de trabalho extremamente clara.

Nesse processo educativo, a questão do poder médico sempre foi questionada. A intenção de não exercer o poder de forma tradicional sobre as usuárias refletia-se de várias formas. Por exemplo, até hoje, a consulta é feita em uma cama normal e não em uma mesa ginecológica. Normalmente, usamos a cama cheia de almofadas, na qual são feitos todos os exames — o de mama, o toque do útero e a coleta do papanicolaou. No Coletivo, a mesa ginecológica só é usada para a colocação do DIU ou para outra intervenção mais

complicada. Para nós, a posição tradicional em que a mulher fica durante o exame ginecológico, já demonstra a relação negativa médico versus a “paciente”.

Após dois anos desse processo, a estrutura inicial do Coletivo estava desenhada. Algumas mulheres ficaram no apoio do processo e outras passaram a trabalhar diretamente no ambulatório.

Compartilhando experiências

O Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde concebe a questão educativa como um princípio que perpassa toda a sua prática e como uma questão de desenvolvimento humano, pois ela capacita para a mudança. Entendemos que o atendimento é também uma troca de experiência entre a vivência das usuárias e das pessoas que realizam o atendimento.

Dentro do Coletivo, seja nos grupos educativos, seja nos seminários e nas consultas individuais, a proposta é valorizar a experiência das pessoas, abrindo mão de uma postura arrogante de quem pensa que detém o poder e o único conhecimento. Todas as mulheres que vêm até o nosso serviço, sem exceção, têm uma experiência e uma realidade de vida peculiares, que precisam ser levadas em consideração. Claro que valorizamos o conhecimento que adquirimos nos nossos locais de formação e com outras mulheres e sabemos muito bem o nosso ofício, mas a experiência das usuárias também é fundamental para o nosso aprimoramento.

No Coletivo, ajudamos as mulheres a escolher, a refletir e a exercer sua autodeterminação. Não impomos idéias, mas informamos e colocamos à disposição das usuárias ferramentas para que possam ter conhecimento do corpo, dos princípios de uma alimentação saudável, da prevenção de doenças, das opções sexuais e reprodutivas. A partir daí, elas passam a ser sujeitos ativos na consulta, tanto no Coletivo, quanto na rede pública e privada de saúde.

A educação em saúde abarca mais do que transmissão de conhecimentos. Ela dá uma contrapartida da experiência. Ensinar às mulheres não o que é certo ou errado, mas o que é melhor dentro da realidade de vida delas. Assim, damos a conhecer as possibilidades de tratamentos: como funcionam, quais os efeitos colaterais, as vantagens e desvantagens de cada caminho. Com essas informações, elas exercerão o direito de escolher o que é melhor para elas.

Ética, competência e metodologia

O Coletivo se pauta por princípios éticos e por responsabilidades. Se uma mulher nos pede algo não compatível com nossa ética pessoal ou não compatível com os princípios do Coletivo, a resposta é não. Nossa contribuição é ajudar a usuária a descobrir suas potencialidades e se responsabilizar nas decisões. Com essa postura, de forma alguma, fugimos de nossas responsabilidades como profissionais de saúde. Ao contrário, nosso trabalho é pontuado por uma excelente qualidade técnica e por relações humanas de respeito à diversidade das pessoas.

Esta metodologia, inovadora na forma de oferecer serviços de saúde, fomenta a criatividade das pessoas e seu sentido crítico em relação às práticas existentes. Também ajuda a mulher a pensar e a aprofundar o conhecimento e a reflexão sobre si mesma. No atendimento a mulheres em situação de violência sexual e doméstica, ajudamos a que ela melhore sua auto-estima e, assim, descubra saídas para a situação em que está vivendo.

A maioria das usuárias do Coletivo tem poucos anos de educação formal, e portanto uma menor habilidade de ler e escrever. Diante disso, temos criado mecanismos facilitadores para que cada usuária entenda todas as informações, tanto nas consultas, quanto nos grupos educativos. Por exemplo, para ensinar o auto-exame de mamas, usamos um espelho, pois quando a paciente se olha, assimila a técnica mais facilmente. Usamos também o espelho para que ela veja como é o colo do útero. Ao ver o próprio útero, acaba a fantasia de que ele é um buraco, ou uma coisa misteriosa.

As mulheres precisam de muito pouco para se conscientizarem. Muitas vezes, uma mulher participa de um grupo de reflexão, por apenas dois meses, e já é capaz de dar um salto de qualidade em sua vida. É admirável como algumas conseguem romper com problemas antigos de opressão e violência, mesmo tendo poucos instrumentos.

Muitas mulheres vêm ao Coletivo e falam que não agüentam ficar em casa, que querem exercer alguma atividade pública, mas que o marido não deixa. Dizem que precisam trabalhar por questões econômicas e para se sentirem valorizadas como pessoas etc. Nós trabalhamos essa questão também, tentando mostrar que elas podem lutar para realizar esse desejo.

Muitas mulheres acabam descobrindo novas possibilidades e passam a ter com o parceiro outro poder de negociação como, por exemplo, o do uso da camisinha, sua saída para o trabalho e uma série de outras questões.

Enfim, o objetivo maior do processo é o de que a usuária possa lidar com seus valores e opiniões; possa refletir sobre seus problemas e sua vida; e o de que, a partir daí, venha a desenvolver suas capacidades, autonomia e auto-estima e, assim, adquirir recursos internos e externos para mudar o que achar necessário.

Formação de ativistas e profissionais de saúde

O Coletivo tem, entre as suas prioridades programáticas, a formação de Recursos Humanos. Esta formação engloba cursos, treinamentos e estágios na área de saúde da mulher, direitos sexuais e reprodutivos e na área de violência de gênero.

Para subsidiar esse trabalho, são desenvolvidos diversos materiais educativos e informativos, todos com linguagem acessível para que possam ser aproveitados pelo maior número de mulheres.

Ao longo de sua existência, o Coletivo vem trabalhando novas metodologias para a área de formação e para o repasse de experiências. A equipe do Coletivo tem trabalhado com profissionais de saúde de secretarias estaduais e municipais do país afora. Tem contribuído com grupos de mulheres das regiões urbanas e rurais. Tem realizado seminários tanto no seu ambulatório, quanto em outras cidades brasileiras.

A nossa experiência como um Centro que desenvolve um novo modelo de atenção e novas tecnologias na área de saúde da mulher, nos credencia para sermos um Centro de Referência no atendimento a problemas de saúde — todavia pouco trabalhados pelos serviços públicos e mesmo pelos centros universitários.

Desenvolvemos atividades de capacitação no nosso ambulatório, pelo qual já passaram profissionais de saúde da rede pública e ativistas do movimento de mulheres do Brasil e de outros países.

Dois projetos de capacitação

Dentre as atividades de formação, consideramos que dois projetos são relevantes de serem relatados, pelo papel que cumpriram e cumprem na proposta geral do Coletivo.

O primeiro é o *Programa de Estágios em Centros Feministas que Desenvolvem Programas de Saúde Integral para Mulheres*, uma iniciativa da área de formação da *Red de Salud de las Mujeres Latinoamericanas y del Caribe*. Um dos principais objetivos deste Projeto foi a capacitação de mulheres

ativistas do movimento e de profissionais de saúde da rede pública, em conteúdos teóricos e práticos de gênero e saúde. Tratou-se de um Projeto regional, que contou com a participação de importantes e históricas ONGs feministas, reconhecidas em toda a América Latina e o Caribe.

O Projeto foi coordenado pelo Coletivo, que também foi um dos seus centros de treinamento. Outros centros de treinamentos foram: SOS – Corpo Gênero e Cidadania (Recife); Sipam — Servicios Integrales para la Mujer (México, DF); Casa de la Mujer (Bogotá), Centro Feminista Flora Tristan (Lima) e Mujer-Ahora (Montevideo).

A duração do Projeto foi de três anos, nos quais passaram pelas instituições citadas, 62 mulheres ligadas à área da saúde no seu sentido mais amplo, provenientes da Nicarágua, Brasil, México, Peru, Colômbia, Uruguai, Chile, Argentina, El Salvador, Costa Rica, Bolívia e República Dominicana.

Na dinâmica do Projeto, brasileiras foram para o Peru, peruanas foram para o México, mexicanas vieram para o Brasil, e assim criou-se uma rede informal de troca de experiências e de conhecimentos práticos e teóricos que possibilitou às participantes uma mudança importante na prática profissional e até mudanças de vida. Muitas das participantes do Projeto não se consideravam feministas, mas ao longo do caminho foram se sensibilizando para os princípios do feminismo, da igualdade, da integralidade em saúde, da necessidade de um atendimento humanizado e do trabalho com mulheres em situação de violência. Em síntese, podemos dizer que este Projeto contemplou sobretudo um processo de humanização de quem já estava no dia-a-dia com as mulheres.

A avaliação, realizada em março de 1999, com 25% das bolsistas, revelou que este tipo de estratégia é fundamental para o avanço da saúde da mulher e dos seus direitos reprodutivos na América Latina e no Caribe. Compartilhar experiências, encontrar saídas e soluções entre pares, aprender com culturas e realidades distintas, possibilitou às bolsistas recomeçar em seus locais de trabalho, com novas perspectivas e formulações para melhorar a saúde de mulheres e de adolescentes.

O segundo projeto a ser citado é o *Programa de Capacitação para o Atendimento a Mulheres em Situação de Violência Sexual e Doméstica* — uma parceria do Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde com o Departamento de Medicina Preventiva da Universidade de São Paulo – USP.

Esse segundo Projeto contempla três linhas de trabalho. A primeira ocorre no ambulatório do Coletivo, por meio dos atendimentos ginecológico e de saúde mental.

A segunda linha é a capacitação de profissionais de saúde, delegadas de polícia e ativistas dos grupos feministas para o atendimento às mulheres em situação de violência. Esta atividade engloba cursos de capacitação realizados, duas vezes por ano, no Departamento de Medicina Preventiva da USP. Os cursos, que duram dois meses e dão certificados de extensão, compreendem uma parte teórica e outra prática, com visitas aos centros que atendem mulheres em situação de violência. Atualmente, o Projeto contempla a realização de *Cursos Avançados de Capacitação* no tema, dirigidos às pessoas que realizaram os cursos básicos.

A terceira linha de trabalho refere-se à criação e atualização permanente de um *Guia de serviços a mulheres em situação de violência - Município de São Paulo*. O Guia — elaborado pelo Coletivo e pelo Departamento de Medicina Preventiva da USP — levanta todos os serviços de apoio às mulheres em situação de violência, desde delegacias, ONGs, serviços públicos, prontos-socorros, até casas-abrigo.

Todo o saber está na aprendizagem

O processo educativo do Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde sempre teve como base o questionamento das práticas biologicistas, medicalizadoras e individuais, práticas às quais as mulheres são sujeitas até hoje. Os profissionais de saúde, em geral, são formados para serem os detentores da vida e da morte das pessoas. Tomam decisões sobre o corpo das mulheres, como retirar o útero ou os seios sem que elas sejam consultadas, medicalizar o parto etc.

Nós, do movimento de mulheres, do Coletivo, do ambulatório de Genebra tínhamos e temos a idéia de fazer algo completamente diferente, ou seja, de romper com antigas práticas que são agressivas e que, ainda hoje, seguem dominantes nos serviços de saúde. O exemplo mais banal desse tipo de prática é o da consulta ginecológica, na qual a mulher fica em posição submissa sobre uma mesa ginecológica, ela nada vê e nem recebe explicação sobre o que está sendo feito com ela.

O processo educativo do Coletivo é permanente: suas integrantes se atualizam técnica e conceitualmente, por meio de cursos e intercâmbios com outros grupos de mulheres e com profissionais da rede pública.

Cada nova trabalhadora que ingressa no Coletivo passa, obrigatoriamente, por um processo de sensibilização em relação à nossa linha de trabalho. Geralmente, uma médica passa dois meses fazendo consultas juntamente com essa trabalhadora. Esse processo de sensibilização das novas integrantes é fundamental, uma vez que

trabalhamos com abordagens que, em sua maioria, são completamente diferentes daquelas aprendidas nas faculdades.

As novas trabalhadoras passam por uma reciclagem para conhecerem os princípios do trabalho: como uma mulher deve ser atendida, qual o limite de poder de cada integrante do Coletivo etc.

Independentemente da nova integrante ser uma ginecologista com título de especialista, ela passará por este processo educativo. Às vezes, na época de seleção de novas profissionais, algumas candidatas falam: “eu acho o trabalho de vocês lindo, mas jamais conseguiria fazer um exame nessa cama, eu não consigo, não dá, não é a minha”. Ainda há uma certa resistência para esta nova abordagem, mas ao mesmo tempo é um desafio para aquelas que aceitam fazer parte do ambulatório.

O mais interessante do nosso trabalho é o retorno das usuárias. Elas dizem: “depois de ser atendida aqui, eu jamais vou aceitar que um médico faça comigo o que ele fazia antes”. Na verdade, elas têm muito mais capacidade e poder de exigir: “eu não quero que o senhor faça isso, quero que o senhor faça assim”, ou “o senhor está fazendo errado”. Assim, elas não se submetem mais a uma situação que as coloca como objetos, sem voz nem identidade.

Este processo ajuda as pessoas que vêm em busca dos serviços do Coletivo, e as profissionais. Trata-se de uma forma inovadora de ensinar aprendendo.